

Estado da publicação: Não informado pelo autor submissor

Da Fala ao Escrito: O Percurso de Lacan com a Linguagem, o Inconsciente e o Real

Ana Giulia de Araújo Conte, Márcia Cristina Maesso

<https://doi.org/10.1590/SciELOPreprints.11233>

Submetido em: 2025-02-07

Postado em: 2025-03-17 (versão 1)

(AAAA-MM-DD)

Da Fala ao Escrito: O Percurso de Lacan com a Linguagem, o Inconsciente e o Real

**From Speech to Writing: Lacan's Journey with Language, the Unconscious, and the
Real**

**Del Habla a la Escritura: El Recorrido de Lacan con el Lenguaje, el Inconsciente y lo
Real**

De la Parole à l'Écrit: Le Parcours de Lacan avec le Langage, l'Inconscient et le Réel

Ana Giulia de Araújo Conte

<https://orcid.org/0000-0001-9130-7486>

Márcia Cristina Maesso

<https://orcid.org/0000-0003-1413-2998>

Nenhum conflito de interesse a declarar

Resumo

O artigo analisa o percurso de Jacques Lacan com a linguagem, desde sua ancoragem no estruturalismo até a formulação do conceito de lalíngua e a ênfase no real. Destaca-se que a submissão ao significante sustenta a experiência analítica e fundamenta a constituição do sujeito no campo do Outro. O avanço teórico de Lacan se evidencia na articulação entre a função da fala e a função do escrito, criando um dispositivo que opera sobre o real. O estudo também aborda sua relação com a linguística, suas torções e contribuições para o campo do inconsciente, culminando no termo linguisteria para demarcar o domínio específico da psicanálise. Por fim, discute-se como lalíngua introduz a dimensão do gozo e do real, transformando a concepção do sintoma, entendido como suplência do que não cessa de não se escrever, e repensando a prática analítica face ao impossível do real.

Palavras-chave: psicanálise, linguagem, fala, lalíngua

Abstract

This article analyzes Jacques Lacan's trajectory with language, from its structuralist foundation to the formulation of the concept of *lalangue* and the emphasis on the real. It highlights that submission to the signifier sustains the analytic experience and the constitution of the subject in the field of the Other. Lacan's theoretical advancement is evident in the articulation between the function of speech and the function of writing, creating a device that operates on the real. The study also examines his relationship with linguistics, his distortions and contributions to the field of the unconscious, culminating in the term *linguisterie* to delineate the specific domain of psychoanalysis. Finally, it discusses how *lalangue* introduces the dimension of *jouissance* and the real, transforming the conception of the symptom as a supplement to what does not cease not to be written, rethinking analytic practice in the face of the impossible of the real.

Keywords: psychoanalysis, language, speech, *lalangue*

Resumen

El artículo analiza el recorrido de Jacques Lacan con el lenguaje, desde su anclaje en el estructuralismo hasta la formulación del concepto de lalengua y el énfasis en lo real. Se destaca que la sumisión al significante sostiene la experiencia analítica y fundamenta la constitución del sujeto en el campo del Otro. El avance teórico se evidencia en la articulación entre la función del habla y la función de la escritura, creando un dispositivo que opera sobre lo real. El estudio también aborda su relación con la lingüística, sus torsiones y contribuciones al campo del inconsciente, culminando en el término lingüistería para delimitar el dominio específico del psicoanálisis. Finalmente, se discute cómo lalengua introduce la dimensión del goce y de lo real, transformando la concepción del síntoma como suplencia de lo que no cesa de no escribirse y replanteando la práctica analítica frente a lo imposible de lo real.

Palabras-clave: psicoanálisis, lenguaje, habla, lalengua

Résumé

Cet article analyse le parcours de Jacques Lacan avec le langage, depuis son ancrage dans le structuralisme jusqu'à la formulation du concept de *lalangue* et l'accent mis sur le réel. Il souligne que la soumission au signifiant soutient l'expérience analytique et fonde la constitution du sujet dans le champ de l'Autre. L'avancée théorique de Lacan se manifeste dans l'articulation entre la fonction de la parole et la fonction de l'écrit, créant un dispositif qui opère sur le réel. L'étude examine également sa relation avec la linguistique, ses torsions et ses contributions au champ de l'inconscient, culminant dans le terme *linguisterie* pour délimiter le domaine spécifique de la psychanalyse. Enfin, il est question de la manière dont *lalangue* introduit la dimension de la jouissance et du réel, transformant la conception du symptôme comme suppléance de ce qui ne cesse de ne pas s'écrire, et repensant la pratique analytique face à l'impossible du réel.

Mots-clés: psychanalyse, langage, parole, lalangue

Da Fala ao Escrito: O Percurso de Lacan com a Linguagem, o Inconsciente e o Real

Este trabalho pretende traçar algumas notas sobre o percurso de Jacques Lacan com a linguagem, desde sua ancoragem no simbólico decorrente da herança estruturalista até a ênfase no real e a criação do conceito de lalíngua, a fim de acompanhar o avançar de sua teoria e o surgimento do inconsciente real. O acento na linguagem vem assentar a posição ética da psicanálise na cultura e no campo científico, através de um descentramento radical da razão e uma desnaturalização do humano. Discutiremos a articulação entre a *função da fala* e a *função do escrito* para enfatizar que o escrito confere um novo estatuto à escuta, o que abarca a reformulação da noção do sintoma como aquilo que vem do real, passando pela poesia de lalíngua.

Os primeiros anos do ensino lacaniano, povoados de críticas aos pós-freudianos, pretende retornar ao estudo “no qual o psicanalista deveria tornar-se mestre/senhor, das funções da fala” (Lacan, 1953/1998, p. 245), retomando os conceitos que “só adquirem pleno sentido ao se orientarem num campo de linguagem, ao se ordenarem na função da fala” (p. 247), pois a fala do paciente é o único meio de que dispõe o psicanalista, seja no âmbito da formação, da investigação ou do tratamento. Lacan reinscreveu assim a letra freudiana e o rigor de seu método, estabelecendo o aforisma “o inconsciente é estruturado como uma linguagem”, uma formalização do retorno à Freud.

Com a subversão da linguística, Lacan enfatizou nossa submissão ao significante, demarcando a precedência simbólica que determina o humano, e faz emergir a dimensão clínica; afinal, é no campo da linguagem que o discurso analítico opera. A psicanálise é uma experiência da e com a palavra, e somente ela pode abrir caminho ao inconsciente, regido por uma lógica e uma gramática, articulada pela fala. Sem relativizar isso, ressaltamos que o ensino lacaniano culminou na *função do escrito* no fim de seu ensino: “o que é escrito não é ouvido, palavra que, em francês, faz equívoca com ‘entendido’ (*entendu*, que admite os

dois sentidos)” (Elia, 2007, p. 131). Aquilo “que se ouve/entende (*ce qu'on entend*, em francês, reproduzindo a ambiguidade equivocante entre ouvir e entender) ‘não tem nenhuma relação com o que isso significa’” (p. 131).

O analista se presentifica primeiro como escuta, introduzindo, naquilo que é dito, um sentido diferente do senso comum, uma parte do discurso que escapa ao falante. Mas é pelo escrito que se introduz a modalidade do impossível, permitindo ao analista jogar com a matéria sonora equívoca e colocar o lugar vazio em primeiro plano. Trata-se de romper a associação livre e promover uma articulação entre a fala e a escrita, considerando o inconsciente que se lê, pois “no discurso analítico só se trata disso, do que se lê, do que se lê para além do que vocês incitaram o sujeito a dizer” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 91).

O trabalho analítico encontra seu dinamismo na fala, mas é pela função do escrito que Lacan pôde interrogar algo sobre o sintoma. Ao conjugar o sintoma com o escrito, vemos surgir em sua obra o que será definido como sintoma: aquilo que não cessa de se escrever, constituindo-se como suplência do que não cessa de não se escrever. O sintoma que vem do real (Lacan, 1974/2022) contrasta com a posição inicial de que é uma construção simbólica, passível de deciframento, visando os efeitos de sentido em seu processo de escritura. Diante da impossibilidade de dizer proveniente do real, o escrito é convocado para articular o impossível.

Na década de 1970, Lacan demarca que a linguagem que interessa à psicanálise é a linguagem feita de *lalíngua* e que “o inconsciente é um saber, um saber-fazer com [l]alíngua” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 149). *Lalangue*, amálgama do artigo definido feminino singular (*la*) em francês com a palavra *langue*, surge como um ato falho, “fruto do inconsciente *lalínguageiro* de Lacan, cuja intenção discursiva suposta era a de dizer *Lalande*” (Elia, 2016, p. 220). *Lalíngua* é a culminância do percurso com a linguagem, termo que se origina da

inventividade de Lacan, buscando incluir a categoria do impossível na própria linguagem, extraindo dela as consequências clínicas.

Tensionando a Linguística ao seu Limite

A relação com a linguística dos primeiros anos da transmissão lacaniana foi decisiva para desviar a psicanálise da fundamentação nas ciências biológicas, provocando torções no conceito de inconsciente e uma renovação teórico-conceitual. Além de tratar da constituição do sujeito no campo do Outro, Lacan abordou questões clínicas, a ponto de definir os analistas como “praticantes da função simbólica” (Lacan, 1953/1998, p. 285). A questão da fala e da linguagem não foi jamais abandonada ou superada, mas abordada a partir de novas ênfases. No final do ensino, Lacan ainda sustentava que a linguagem é “a condição do inconsciente” (Lacan, 1972/2003, p. 490) e que “só há inconsciente no ser falante” (Lacan, 1974/2003, p. 510).

Da relação com a linguística, destacaremos a subversão do signo e a ênfase na fala como lugar onde emerge o sujeito do inconsciente. O signo de Ferdinand de Saussure é composto por significado e significante, conceito e imagem acústica. Para ele, os termos formam uma unidade, fechados em uma elipse e cercados por flechas de sentidos opostos que indicam uma relação biunívoca. Lacan anota o S do significante em maiúsculo, no lugar do s em minúscula itálica, demarcando uma diferenciação hierárquica. Desaparecem a elipse e as flechas, desfazendo a unidade e destacando o deslizamento do significante sobre o significado. A barra entre os elementos, que em Saussure é marca de união, em Lacan torna-se barreira resistente à significação. Há, entre os dois, algo de barrado a atravessar (Lacan, 1972-1973/2008). Assim, apesar de homônimo, partilhando da mesma grafia e estrutura fonológica, o termo *significante* não partilha do mesmo sentido em cada autor (Arrivé, 1994).

Para Arrivé (1994), Saussure fez uma teoria do signo, mas Lacan fez uma teoria do significante, ou uma teoria do sujeito. Sua definição do significante o demonstra: é aquilo

“que representa um sujeito para outro significante” (Lacan, 1964/2008, p. 203). Mais tarde, ele acrescentou: “o significante é o que representa um sujeito para outro significante, no qual o sujeito não está. Ali onde é representado, o sujeito está ausente. É justamente por isso que, ainda assim representado, ele se acha dividido” (Lacan, 1971/2009, p. 10), enfatizando que, embora possa ser representado, o sujeito não é localizável, marcando sua divisão.

Nas linguagens animais, imperam a correlação unívoca e a impossibilidade de equívoco nos sistemas de símbolos, pois são dotados de significação, sendo capazes de atingir os demais indivíduos da espécie (Arrivé, 1994). Nas línguas humanas, não pode haver instrumentalização da linguagem, pois domina o mal-entendido, a prevalência do equívoco, do engano, da ambiguidade, da incerteza. Há algo que se produz à revelia do falante, cuja condição é de submissão ao significante, sendo o mal-entendido “o próprio fundamento do discurso inter-humano” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 188).

Outro aspecto do tensionamento da linguística se refere à fala. Saussure recusou à linguística a ênfase em qualquer realização da língua pela fala, uma vez que a língua é tida como um depósito, algo recebido de fora e que exclui as marcas da emergência subjetiva.

Saussure havia excluído de seu campo tudo o que era do foro da fala [*parole*] como lugar de emergência do sujeito. Ora, isso é a primeira tese do Discurso de Roma de Jacques Lacan: se tomamos a fala no sentido saussuriano, é precisamente ela que determina o domínio em que se exerce a psicanálise. (Milner, 2010, p. 2)

Atestando que é a partir da fala (*parole*) que há acesso ao inconsciente linguageiro e que o discurso analítico encontra sua originalidade, Lacan tensionou o campo da linguística ao seu limite, no ponto máximo de tração, caracterizando uma relação que não é de justaposição ou de aplicação de métodos e conceitos de uma ciência à outra. No limite, o campo da linguagem se abre ao inconsciente. Essa interface se deu sempre no limite, e, “ao

dizer limite, diz-se também contato constante” (Milner, 2010, p. 2), o que indica que a relação entre os campos é de proximidade, mas também de absoluta heterogeneidade.

Os anos seguintes levaram às fórmulas da metáfora e da metonímia e à escrita da metáfora paterna e culminou na construção do grafo do desejo, que aborda a constituição do sujeito e sua submissão às leis da linguagem. A construção do grafo é decisiva para demonstrar que, em razão de sua submissão ao significante, a enunciação do sujeito excede os seus enunciados, havendo sempre algo que lhe escapa em sua fala. O sujeito tem suas necessidades assujeitadas à demanda que, endereçada ao Outro, retornam alienadas (Porge, 2006). O sujeito do desconhecimento coloca a questão ao Outro, tesouro dos significantes, para constituir um saber, uma rede de significantes.

Seu percurso, iniciado no retorno à estrutura do inconsciente freudiano, cujas formações são passíveis de deciframento, avança através de uma teoria da constituição subjetiva e chega em sua heresia, RSI (homófono, em francês, de *hérésie*), criando um dispositivo que opera sobre o real: “a questão não é a descoberta do inconsciente, que tem no simbólico sua matéria pré-formada, mas a criação do dispositivo pelo qual o real toca no real, ou seja, daquilo que articulei como o discurso analítico” (Lacan, 1971-1972/2003, p. 545). Embora o inconsciente não deixe jamais de ser estruturado como uma linguagem, a referência à linguística se esgota até desaparecer definitivamente no *Seminário 20*, no qual o termo linguística dá o golpe decisivo.

Os anos de 1970 trazem os conceitos de língua, de gozo e o nó borromeano, compondo uma teoria da constituição subjetiva que enoda os três registros. Pela função do escrito, a concepção de corpo é renovada, corpo que é substância gozante, e não um corpo que é inicialmente pura carne e será transmutado pela ação do significante. Lacan traz uma derrocada final da dualidade cartesiana entre o corpo e a mente, esclarecendo que não se trata de um corpo que, para constituir um sujeito, deve se submeter ao simbólico, mortificando-se

pelo significante. Lalíngua, feita de gozo, demarca que o campo da linguagem é atravessado pelo real, que não opera segundo a ordenação simbólica. Além de ter consequências em sua teoria do sujeito, esse período traz novidades clínicas importantes.

Linguisteria: Novo Estatuto da Linguagem

Desde o momento que é da linguagem que partimos, é à linguagem que voltamos.

Como, a partir daí, nós imaginamos tocar um real que seria um terceiro círculo (...) é o que nos escapa. (Lacan, 1975/2016, p. 88)

Para demarcar a duplicidade da (não) relação com a linguística, Lacan chamou linguisteria a linguagem de que se trata em psicanálise. “Um dia eu percebi que era difícil (...) não entrar na linguística, a partir do momento em que o inconsciente fora descoberto” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 67), diz ele, dirigindo-se a Jakobson e sua asserção de que tudo o que é da linguagem teria a ver com o linguista. Considerando o que da linguagem resulta no campo do sujeito do inconsciente, “então terei de forjar alguma outra palavra, para deixar a Jakobson seu domínio reservado e, se vocês quiserem, chamarei isso de ‘linguisteria’” (p. 68).

A linguisteria não se refere à linguagem que serve à comunicação e que implica códigos e mensagens: “Falar de código não convém, justamente por pressupor um sentido” (Lacan, 1974/2003, p. 514). Ele retoma a função do significante para ressaltar que este não carrega um significado a tiracolo, sendo sempre algo da ordem do sujeito que está em jogo. O significante – insignificante enquanto tal, o significante que é “besta” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 27), que não traz a menor mensagem, que não atinge o significado – permitiu enfatizar o fundamento do simbólico, “que só o discurso analítico nos permite evocar” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 76). O discurso analítico fará entrar em jogo a besteira do significante, no que ela é uma dimensão, a *diz-mensão* [*dit-mansion/demansion*] em exercício do significante, revelando a mansão da verdade do sujeito, em sua radical singularidade.

A linguística de Lacan é seu modo próprio de interrogar o campo científico em função de produzir um saber que concerne ao inconsciente, ao modo do discurso da histérica. O termo demarcou a reinvenção da psicanálise após a obstinada busca de seu estatuto científico e do empenho de formalização para o campo do inconsciente real. Ao fazer essa distinção, ele oficializa que a linguagem que interessa é aquela que concerne ao inconsciente e coloca o sujeito em questão.

Da Função da Fala à Função do Escrito

Como enfim traduzir
na lógica do ouvido
o que na coisa é coisa
e que não tem sentido?

(Gullar, 1999/2012, p. 165)

Dois termos nos servirão como balizas: a *função da fala* (1953) e a *função do escrito* (1973). O primeiro é de *Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise* (Lacan, 1953/1998) e está ligado a uma circunstância de preocupação com os rumos da psicanálise. O segundo ganha maiores contornos no *Seminário 20* e surge na medida em que o real, o que escapa à simbolização e está mais além do significante, ganha preponderância. A relação entre eles, no entanto, não é de mútua exclusão ou de substituição. Não é o caso de suprimir a fala em detrimento do escrito ou de fazer operar o dispositivo analítico a partir de novas bases que não a da palavra. Afinal, é a palavra que abre as vias de acesso para o escrito, não sendo dispensável a ele: “É a palavra que, restituída ao escrito, ao qual abria a via, permite a leitura do escrito” (Elia, 2007, p. 131).

“A interpretação dos sonhos é a via regia [estrada real] para o conhecimento do inconsciente na vida psíquica” (Freud, 1900/2019, p. 662). Pela análise dos sonhos, Freud verificou que os sonhos têm estrutura de texto, podendo ser lidos a partir do relato e dar

acesso ao inconsciente. Dando ao sonho o valor de uma formação literal, a clínica trilhada por Freud já se define como uma clínica do escrito (Allouch, 2007). Lacan demonstrou como o fundador *leu* o inconsciente via *escuta* das históricas, havendo um método de leitura a ser colocado em funcionamento na decifração das formações do inconsciente. Assim, a *talking cure* de Freud revelou para Lacan um inconsciente que se escreve.

A psicanálise repousa sua ação e sua eficácia na fala. Embora Lacan tenha se ocupado primariamente dela, já encontramos os vestígios da escrita como aquilo de que a linguagem fala: “O inconsciente é o capítulo de minha história que é marcado por um branco ou ocupado por uma mentira: é o capítulo censurado. Mas a verdade pode ser resgatada; na maioria das vezes, já está escrita em outro lugar” (Lacan, 1953/1998, p. 260) e “se o sintoma pode ser lido, é por já estar inscrito, ele mesmo, num processo de escrita” (Lacan, 1957/1998, p. 446).

Sua elaboração se renova em espiral, retornando às noções anteriores, dando-lhes nova roupagem. No *Seminário 3*, Lacan (1955-1956/1985) realçou o mal-entendido na estrutura do discurso e a impossibilidade de compreender o paciente ou o sentido de sua fala, criticando a concepção da linguagem como instrumento. Ele considerava o limite da linguagem no campo do simbólico, encontrando posteriormente na matemática soluções de formalização para o real e a escrita do impossível. *Entender* – que no francês e no português equivoca com *ouvir* – não contempla aquilo de que se trata em uma análise. Apesar de dispor apenas da fala, a função da análise se situa no para-além do que se escuta ou da intenção do falante (Lacan, 1953/1998).

Em 1953, ele ainda opunha a fala plena à fala vazia, sendo a primeira a que constitui o inconsciente, a fala recalcada que retorna, restituída, na análise, fornecendo o ponto de basta que reúne e assegura a identidade de cada um a seu ser. Logo depois, ele se deparou com a “incompatibilidade do desejo com a fala” (Lacan, 1958/1998, p. 647) e com o quanto a fala plena, se fosse possível, seria exageradamente penosa: “Nada mais temível do que dizer algo que possa ser verdadeiro” (p. 622). Buscando evitar o equívoco de que o objetivo de uma

análise seria o de atingir uma verdade absoluta através da fala plena, afirmou: “sou o primeiro, ao que eu saiba, a preservar nelas [em suas análises] o indizível” (p. 622). Ele se adiantava à verdade não toda e sua relação com o real: “Sempre digo a verdade: não toda, porque dizê-la toda não se consegue. Dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que a verdade tem a ver com o real” (Lacan, 1974/2003, p. 508).

Faltam palavras. Está em questão a estrutura da linguagem, a falta incluída. Se, em 1973, Lacan colocou definitivamente as engrenagens do escrito para funcionar, o escrito como aquilo que “não é para ser compreendido” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 100), não seria em função de um movimento que retroage sobre a ideia de que nossa escuta deve se acomodar “para-além” da fala, extrapolando os limites da compreensão? “Que seja para-além do discurso que se acomoda nossa escuta, sei disso melhor do que ninguém, quando simplesmente tomo o caminho de ouvir, e não de auscultar. (...) o que escuto é por ouvir¹” (Lacan, 1958/1998, p. 622). “Ouvir não me força a compreender” (p. 623), ele continuou.

Estando desde o início diante de um impossível de ser dito, Lacan inventa, a cada vez, um novo modo de falar sobre o real do que não se fala. Em *A instância da letra*, ele desenvolveu o conceito de letra, que está além dos efeitos de sentido, definindo-a como o “suporte material que o discurso concreto toma emprestado da linguagem” (Lacan, 1957/1998, p. 498). Estabelecendo um escrito para tratar daquilo que até então só havia sustentado na fala, assegurou: “para-além dessa fala, é toda a estrutura da linguagem que a experiência psicanalítica descobre no inconsciente” (p. 498). Ele desdobra o campo do inconsciente para além de qualquer sentido, compreensão ou entendimento, infringindo as tendências que confinariam o inconsciente na ideia de “sede dos instintos” (p. 498).

¹ O termo original é *entendre*, que tem a acepção de ouvir e de entender, captar, reconhecer.

A letra foi inicialmente tomada como o suporte material, corporal do significante, como a unidade mínima do escrito, passível de ser isolada, destacada das cadeias da fala (Elia, 2007). No *Seminário 20*, o inconsciente aparece como o que se lê, e o que se lê é da ordem da letra: “O que se escreve não é fácil de dizer. O que se escreve é a letra” (Lacan, 1972-193/2010, p. 117). A letra é o que se escreve e não se fala, estando no litoral entre real e simbólico. Além disso, o sintoma vai aparecer do mesmo lado da letra, como aquilo que não cessa de se escrever e que resta por decifrar.

O significante, que se inscreve no campo do simbólico, é o que se ouve. No que se ouve do significante, uma escrita pode ser lida, a partir do efeito de sentido viabilizado pela leitura da letra. Ou seja, o que se ouve de significado, efeito do significante, produz a leitura. Ao introduzir a função do escrito, ele buscava demonstrar que o significante também não deve ter relação com os ouvidos, mas com a leitura, *a leitura do que se ouve* de significado, determinado pelo significante. Leitura e escuta estão, portanto, acopladas, mas não são da mesma ordem, devendo haver uma espécie de conversão do significante ouvido em letras lidas. Entre a palavra ouvida, a nível do significante, e a escrita, a nível da letra, produz-se a verdade, verdade que só surge *através* dos efeitos da palavra, da fala em associação livre, sob as condições da transferência, levando o dizer a suas últimas consequências.

A noção de falasser condensa o avanço da discussão sobre a letra e do significante e faz notar que, em psicanálise, como na poesia, é para além da palavra dita que a significação se sustenta. Sobre o falasser, que comprova que a função da fala continua presente, Lacan afirmou:

Daí minha expressão falasser [*parlêtre*] que virá substituir o ICS de Freud (inconsciente, é assim que se lê): saia daí então, que eu quero ficar aí. Para dizer que o inconsciente, em Freud, quando ele o descobre (o que se descobre é de uma vez só, mas depois da invenção é preciso fazer o inventário), o inconsciente é um saber

enquanto falado, como constitutivo do UOM. A fala, é claro, define-se aí por ser o único lugar em que o ser tem um sentido. E o sentido do ser é presidir o ter, o que justifica o balbucio epistêmico. (Lacan, 1975/2003, p. 561)

Estabelecendo a fala no cerne do ser, o inconsciente se constitui como saber *falado*. É pela fala que um saber se institui e por meio dela que o ser pode adquirir um sentido qualquer. O saber falado é aquele de língua, da qual a linguagem é feita. É um saber na medida em que pode ser decifrado, mas escondido em língua falada e situado no nível do gozo. A função da fala permanece central, agora conjugada com o escrito: “É a partir da fala, é claro, que se abre caminho para o escrito” (Lacan, 1971/2009, p. 57). Parece-nos que novas formulações, que não anulam as primeiras, surgem na medida em que caminha em direção à sustentação do impossível, localizando-o no cerne da linguagem.

Convém não esquecermos essa fala, em razão de ela ser a mesma que se reflete a partir da regra analítica, que é, como vocês sabem: Fale, fale, combine coisas, basta você tagarelar, eis aí a caixa de onde saem todos os dons da linguagem, uma caixa de Pandora. (Lacan, 1971/2009, p. 58)

Desde o *Seminário 3*, Lacan buscava defender que “o compreensível é um termo sempre fugidio, inapreensível (...). Comecem por não crer que vocês compreendem. Partam da ideia do mal-entendido fundamental” (Lacan, 1955-1956/1985, p. 30). O mal-entendido fundamental (*Verdichtung*) aponta para uma impossibilidade de compreensão plena, imediata ou completa, própria da equivocidade a que a clínica convoca. Em 1962, ele se referiu a uma expressão informal (*slang*) de língua inglesa que consiste em substituir *I understand you perfectly* – pode ser traduzido no francês por *je vous entr’entends* (eu entendo/ouço você) ou *je vous comprends* (eu compreendo você) – por *I understumble you perfectly* (*stumble* significa o tropeço, *le trébuchement*, em francês). A gíria joga com a língua para estremecer essa compreensão que se pretende inteiriça, perfeita, unívoca. Ele então afirma: “compreender

é sempre avançar capengando para o mal-entendido²” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 90). A compreensão (*verstehen*) (des)caminha, claudicante, condenada a tropeçar no impossível, esbarrando no real. Quanto ao escrito, ele afirmou: “tudo o que é do escrito só se sustenta por isso: é que justamente o escrito não é para ser compreendido³” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 100).

O escrito é segundo, e não primeiro, em relação a toda função de linguagem, e, no entanto, sem ele, não é possível retornar sobre os efeitos da linguagem, da *diz-mansão* do Outro como lugar, como residência, como *mansão* da verdade. Sem ele, não haveria como interrogar aquilo que da linguagem resulta, as formações do inconsciente, pois é através dos efeitos da palavra que a verdade se produz. Interrogar a diz-mansão da verdade em sua morada só é possível pelo escrito (Lacan, 1971/2009). É a partir dele que se interroga a linguagem, e isso justamente porque o escrito não é linguagem, mas só se constitui por sua referência a ela.

No discurso analítico, só se trata disso: *do que se lê*, para além do que incitamos o sujeito a dizer. E, para saber ler nas entrelinhas, não basta se *alfabestificar*⁴ (Latour, 2024). Ler a fala do analisando, um modo de leitura que não pretende a revelação de um sentido, que não pretende traduzir. Freud não exigia, assim, “um leitor que não recusasse diante do poder enigmático da própria linguagem?” (p. 64). Ler a fala do analisando, da parte do analista; dar sua fala para ser lida, da parte do analisando.

Ao evidenciar que o escrito não é “do mesmo registro, da mesma cepa” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 95) do significante, fica estabelecido que a fala comporta o significado, mas o que se ouve, no sentido auditivo, “não tem, com o que isso significa, nenhuma relação” (p.

² “‘*Je vous comprends*’, ça nous rappelle que *cahin-caha*, c’est toujours s’avancer dans le malentendu”.

³ “‘*l’écrit ça n’est pas à comprendre [pas de sens]*”.

⁴ Referência ao termo *s’alphabétir*: “aprende-se a ler alfabestificando-se” (Lacan, 1973/2003, p. 504).

95), pois o significante não tem relação direta com o significado. Nas articulações entre a palavra falada e a letra, surge a função do escrito, que permite interrogar sobre a verdade. O escrito confere um novo estatuto à escuta. Através dele, é possível “escrever o gozo em um novo corpo, o corpo de letras, que substitui o corpo do sintoma” (Elia, 2007, p. 135), o corpo maltratado pelo sintoma do neurótico. Nessa circunscrição de gozo da castração, situa-se também os efeitos de uma análise.

Lalíngua e Poesia: Origens (de um Sujeito, de uma Palavra)

Considerando que o conceito de lalíngua implica o de gozo, faremos algumas observações. O advir do sujeito do inconsciente parte de uma convocação proveniente do Outro, que pede que fale, que faz uma invocação subjetivante a assumir o nome próprio. Não é uma força interior, um processo endógeno ou ativado por mecanismos biológicos programados. O chamado tem consequências. A palavra não é dada gratuitamente, e o *infans* (o sujeito inconstituído, anterior à função da palavra) deve pagar por ela. Estabelece-se um mercado de intercâmbios ou um “mercado de gozo” (Braunstein, 2007, p. 56), em que o falante adquire uma dívida impagável: a palavra é dada ao custo de uma renúncia de gozo. Acolhe-se a palavra, paga-se com um sacrifício.

O que se paga é dissimétrico ao que se recebe, mas a perda é necessária. A Lei simbólica intervirá entre o sujeito e o Outro, regulando as trocas e impondo ao primeiro que fale a língua materna. Não é uma Lei imparcial que faz distribuições equânimes, pois se trata da Lei do Outro, que impõe limitações e renúncias ao falante, que, resignado, cede diante da sobreposição da lei do Outro à lei do prazer (Braunstein, 2007).

O gozo originário é incompatível com a Lei e dele só resta a nostalgia que o mitifica, que o cria retroativamente (Braunstein, 2007). É irrecuperável porque foi subvertido pela palavra, que impõe o seu sacrifício e faz operar uma passagem do gozo mítico ao gozo fálico, o gozo linguageiro, fora do corpo, sinal da intromissão da Lei do Outro. O acesso ao gozo

primeiro fica bloqueado, ainda que este insista e faça suas aparições na forma de compulsão à repetição, traço do movimento pulsional que tende à recuperação do estado anterior à palavra. Uma vez que a palavra se faz presente impondo a alteridade, o único acesso ao gozo é pelo gozo fálico. O falo surge como o significante do gozo proibido ao falante e que o faz deslizar pela cadeia significante, sempre a dizer mais, e mais...

O remanescente é uma aspiração de gozo pela via da pulsão, que fracassa por ter que reconhecer o Outro e se submeter às leis do discurso e da linguagem. Desta operação, tem-se uma carne que se fez corpo pela intervenção da linguagem, da troca do gozo originário pela palavra: “A palavra tira o gozo do corpo e se encarrega de dar corpo ao gozo, outro corpo, um corpo de discurso” (Braunstein, 2007, p. 74). Resta um enredamento tão paradoxal quanto inextrincável: o significante é causa de gozo, pois este, coisa de falantes, só existe pela intermediação do significante; por outro lado, o significante é aquilo que detém o gozo. O significante é barreira e condição do gozo. Definindo a palavra como diafragma do gozo ou como “fármaco oferecido pelo Outro” (p. 76), Braunstein destacou sua função de interceptação e de proteção contra excessos. Eis aqui o fundamento do dispositivo analítico.

Didier-Weill (1997) ressaltou a anterioridade de um predizer sobre o dizer, efeito da precedência enigmática do Outro, “essa voz do Outro cuja vocação é supor a existência de um sujeito falante” (p. 33), voz que ressoa e ecoa no corpo do falante-a-vir. Pela predição (ou a promessa) de que há um sujeito e que ele falará em breve, o Outro convoca-o a advir. Isto não ocorre de uma só vez. O significante precisa insistir (três vezes, o autor afirmou, como a campainha que toca três vezes no teatro, sinal de que o espetáculo vai começar) para que a palavra entre, para que o sujeito possa a ela dizer “sim”.

O sujeito, instituído por ter dito “sim” à palavra, vai precisar, doravante, por obediência ao superego, dizer não, quer dizer, deixar de lado um significante causa de desprazer. Aqui, temos a ação do recalçamento originário que institui a impossibilidade de

saber. Muito exatamente a partir do momento em que fala, há recalçamento (Lacan, 1972-1973/2010), o que aponta para essa complexa relação que subjetiva o falante. A ação do superego instaura um jogo de forças em que, de um lado, o mandamento simbólico ordena: “Lá onde isso era, se torne fala” e, de outro, o mandamento do superego arcaico domina, dizendo: “Não se torne” e “Nem uma palavra!” (Didier-Weill, 1997, p. 35). Se a entrada na linguagem exige renúncias de gozo, o superego entra na equação, exercendo força em sentido contrário, com o imperativo de gozo que busca reintroduzir o silêncio absoluto.

Antes que esse complexo jogo de adventos e renúncias entre em ação, antes mesmo de qualquer ascensão à palavra, indo muito mais longe do que se pode articular a nível da fala, o falante é afetado por lalíngua, que “nos afeta, de início, por tudo o que ela comporta de efeitos, que são afetos” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 267). Esses efeitos-afetos se depositam como um saber, e a linguagem é posterior, uma elucubração de saber sobre lalíngua. Entre linguagem e lalíngua, estamos na mesma via, mas o que se sabe fazer com lalíngua ultrapassa em muito o que se pode dar conta a título da linguagem (Lacan, 1972-1973/2010). Lalíngua surge da conjugação da língua com a lalação do bebê e é anterior à articulação significativa, indicando o que está radicalmente excluído do sentido. Trata-se de incluir os sons e os ritmos entoados pelo *infans*, antes de serem entabulados numa rede de significação, o primeiro modo como a linguagem, seu habitat, o afeta.

A introdução deste conceito é resultado do realce na escrita e na letra que se firmou nos anos de 1970. Surge de um lapso, atravessando a língua e a intenção do dizer. Lacan (1971-1972/2001) tentava evocar o Vocabulário da Psicanálise, de *Laplanche*, mas diz Vocabulário da Filosofia, de *Lalande*, e seu ato criador é levado adiante. Lalíngua não tem nada a ver com o dicionário que, por sua vez, não tem nada a ver com o inconsciente. Elevado a conceito, serve para colocar em evidência o real do gozo que constitui o inconsciente real: “Sou suficientemente mestre de lalíngua, da que é chamada francesa, para ter eu mesmo

chegado a isso, o que é fascinante, por atestar o gozo próprio do sintoma. Gozo opaco, por excluir o sentido” (Lacan 1975/2003, p. 566). Trata-se do gozo que exclui o sentido, gozo mítico, irrecuperável, pois é anterior a tudo o que se pode enunciar.

Lacan (1974/2022) evocou o ronrom do gato, o que considera ser o seu gozo, pois “parece vir do corpo inteiro” (p. 13), para falar da relação que o sujeito mantém com sua fala. O ronrom é um som, um ruído, é o que faz vibrar o corpo do animal. Essa imagem remete à incidência da voz do Outro no corpo do *infans*, fazendo-o vibrar e gozar. Como o ronrom, o balbucio, primeira expressão de lalíngua, não se dirige a nada, não faz demanda ao Outro (Fernandes, 2012). É anterior à distinção entre significante e significado, não se prestando à significação, mas à satisfação da pulsão. Lalíngua não faz laço. Lalíngua não é feita para dizer, mas, como o ronrom do gato, para gozar. Secundário em relação a lalíngua, o significante surgirá para esvaziar a substância sonora.

“Onde isso fala, isso goza” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 235). As relações que o falante mantém com o gozo pelo fato mesmo de falar levam Lacan até a subversão do cogito cartesiano para colocar o sujeito [*Je*] da psicanálise em questão. Ele busca sublinhar que o ser do sujeito não está no pensamento, como supunha Descartes, mas no gozo: “Eu sou ali onde isso goza”. O [*Je*], aquele que deve advir no lugar do isso, está onde há gozo. Subvertido, o sujeito da psicanálise é o sujeito do gozo, constituído a partir de uma língua que não serve, primeiramente, senão para gozar, e cujo saber interpretado precipita um inconsciente.

Lalíngua vai jogar [*jouer*] com o seu gozar [*jouir*], pois se constitui a partir desse próprio gozar (Lacan, 1974/2022). Realçamos a articulação entre *corpo*, *lalíngua* e *gozo* a partir de alguns enunciados: (a) só há inconsciente no ser falante (nos outros, há instinto, saber programado, chave de sobrevivência); (b) o gozo é coisa de falantes; (c) não há gozo sem corpo; (d) lalíngua é feita de gozo; e (e) o inconsciente é um saber a partir de lalíngua.

De um lado, há um corpo vivo que goza, gozo do qual a língua é feita. De outro, a mortificação do gozo que a língua efetua, recalcando-o nas zonas erógenas, e elaborando-o nas diferentes formas de objeto a. Pelo fato de que o corpo é falante, ele está sempre em dificuldade com seu gozo, que se apresenta como um excesso, é sempre um sintoma do corpo, um real, aquilo que não vai bem.

A respeito do corpo, Lacan afirmou:

Foi para não perdê-lo, esse pulo do sentido [*bond du sens*], que enunciei agora que é preciso sustentar que o homem tem um corpo, isto é, que fala com seu corpo, ou, em outras palavras, que é falante por natureza. Assim surgido como o cabeça da arte [*tête de l'art*], ele ao mesmo tempo se desnatura, com o que toma por objetivo, por objetivo da arte, o natural, tal como o imagina ingenuamente. (Lacan, 1975/2003, p. 562)

Falante por natureza. Provocação distintiva de seu estilo. Realça-se a desnaturalização do corpo, que não se confunde com o organismo. Na medida em que goza com os efeitos de língua sobre seu corpo e que, por obediência aos desígnios do Outro, faz o significante entrar em sua história, o organismo biológico está definitivamente modificado, resultado da determinação linguageira sobre o corpo. *Incorporada*, a estrutura da linguagem afeta o corpo:

A linguagem é o corpo que dá corpo; e este não é um mero jogo de palavras. Isso quer dizer muito precisamente que o verdadeiro corpo humano (*versus* organismo), o corpo capaz de gozo, o corpo apto ao amor e ao desejo é uma atribuição linguageira, isto é, totalmente contrária a um dado natural imediato. (Askofaré, 2019, p. 39)

A dimensão do corpo-linguagem não pode ser compreendida pela psicologia (ou pela filosofia, biologia...), cujo esforço consiste em ampliar ou modificar a consciência do sujeito, enquanto o psicanalista busca confrontá-lo com aquilo que insiste do inconsciente, renunciando a se manter no discurso comum e a usar de seu lugar para ampliar ou corrigir os

conhecimentos de seus pacientes (Rabinovich, 2017). Lacan reforçou a insuficiência da filosofia para conceber os fatos da subjetividade humana por lhe faltar uma definição suficiente do inconsciente ou pela ausência “da função do sujeito definido como efeito do significante” (Lacan, 1964/2008, p. 203). O inconsciente linguageiro modifica as concepções correntes do corpo racionalizado que tem, ao menos potencialmente, conhecimento de si, valorizadas em nosso tempo.

Lalíngua circunscreve a precedência da dimensão fônica sobre o sentido, marca daquilo que Roman Jakobson atribuiu à função poética da linguagem. Da língua materna, o *infans* recebe “um enxame significante, um enxame zumbido” (Lacan, 1972-1973/2008, p. 154), ou uma chuva de significantes “que se depositam para ele como material sonoro, ambíguo, equívoco, cheio de mal-entendidos, cheio de sentido e, ao mesmo tempo, sem sentido” (Quinet, 2016, p. 245). Lalíngua é o que se deposita, de modo particular, dos equívocos e ambiguidades da língua materna, dela pouco a pouco se apropriando. Quanto à lalação, que carrega uma musicalidade, um ritmo musical que se depura do modo como se alternam as notas e o silêncio, as cadências e entonações, é de gozo e materialidade sonora que se trata. De musicalidade e da prevalência do som em detrimento do sentido.

Uma palavra, isso os poetas sabem bem, não é composta unicamente por seus valores significativos, mas também pela sonoridade, pela entonação, pelo ritmo de sua enunciação, por seus valores plásticos (do grego *plastikos*, capaz de ser moldado), sua capacidade de se transformar em outra, de evocar outra etc. Munidos de seu saber-fazer com (l)alíngua, os poetas insistem na violação do acordo gramatical: “o poeta / desafia o impossível / e tenta no poema / dizer o indizível: / subverte a sintaxe / implode a fala, ousa / incutir na linguagem / densidade de coisa” (Gullar, 1999/2012, p. 165). Com eles, as palavras podem ser impertinentes, radicais, rebeldes, as proposições podem ser inusitadas, incomuns, estranhas. O impossível e o sem-sentido são primordiais. E na análise? O psicanalista, submetido à lógica

do inconsciente, que desconhece a negação, a cronologia do tempo, a linearidade das significações, trabalha com as discontinuidades que, do real, surgem a cada fala descontinuada, interrompida, fragmentada, a cada ato falho, lapso, sonho, sintoma, delírio. Lidando com diferentes formas de subversão das normas e convenções da língua, a posição do analista envolve não descartar as produções do sujeito (Conte & Maesso, 2023). Do gozo de lalíngua e dos equívocos que se passam no inconsciente, cujos efeitos de mal-entendido vitimiza inevitável e incontornavelmente todos os falantes, sem exceção, o analista extrai seu saber-fazer.

Fins

O método psicanalítico da associação livre, o marco zero da psicanálise enquanto tal, surgiu a partir de uma subversão do cogito cartesiano, instaurando uma modalidade de pensamento que não é a reflexão ponderada, a meditação ou o juízo, mas o pensamento do sonho. “Fale à medida que pensa, sem reflexão ou controle”, solicita o analista. A fala, com frequência, extrapola a intenção do dizer, rompe sentidos habituais e consolidados. O sujeito da psicanálise não é o sujeito que, pelo pensamento, se assegura de si, mas o sujeito do sofrimento que carrega a dúvida, pois não sabe as causas de seu sofrimento e não sabe sequer se está implicado no próprio sofrimento (Soler, 1997). No final de seu ensino, Lacan chegará a efetuar a passagem do “penso, logo sou” ao “penso, logo *go(z)sou*”⁵ (Lacan, 1974/2022, p. 13) para tratar do sujeito que não é substancial – mas seu sintoma é, uma vez que há sofrimento, gozo.

A clínica analítica introduziu, assim, uma nova maneira de interrogar a experiência e de acessar o sofrimento. O sujeito “não é aquele que pensa, o sujeito é propriamente aquele que nós exortamos (...) a dizer tudo” (Lacan, 1972-1973/2010, p. 77). É efeito do significante

⁵ “Go(z)sou” foi a escolha do tradutor para o jogo de palavras que Lacan utilizou ao fundir as expressões “*je suis*” (eu sou) e “*je jouis*” (eu gozo), resultando em: “*Je pense, doc je souis*”.

e desliza através da cadeia de significantes, dando acesso, através dessa fala, ao inconsciente linguageiro, seus tropeços, polissemias e equívocos.

O percurso de Lacan com a linguagem tem consequências clínicas importantes. O sintoma é, no primeiro momento, interpretado na ordem significante, cujo significado só pode ser dado pela relação com outro significante que surge na cadeia associativa do analisando. Essa concepção é extraída da obra freudiana, que concebeu um inconsciente decifrável através da interpretação. Na medida em que o ensino lacaniano avança, o domínio do simbólico é progressivamente abandonado, em direção a uma articulação entre os registros simbólico, real e imaginário, sem priorizar ou estabelecer hierarquia entre eles, mas estabelecendo uma operação que toca no real. Como consequência, surge o conceito de lalíngua, que inclui o real do gozo no inconsciente linguageiro.

Lalíngua dá um novo estatuto ao sintoma, pois atesta o gozo do sintoma, gozo opaco, que exclui o sentido. A constatação conduz à interpretação que leva em conta o inconsciente-lalíngua, ou seja, sua poesia e musicalidade, que joga com o efeito de sentido e com o equívoco. Vemos, portanto, o quanto o fio da linguagem na trama da experiência analítica conduziu todo um percurso e incluiu em seu escopo questões sobre a clínica e o saber-fazer do psicanalista, assim como suportou a teoria da constituição do sujeito no campo do Outro, desde as primeiras emissões (jaculações) fônicas, do isso que goza e faz surgir o [*Je*] em seu lugar, até o advento da fala e tudo que disso decorre.

Referências

- Allouch, J. (2007). *A clínica do escrito*. Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Arrivé, M. (1994). *Linguística e psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e outros*. São Paulo: EDUSP.
- Askofaré, S. (2019). Considerações sobre o corpo em sua relação com a estrutura e os discursos. In D. S. Chatelard & M. C. Maesso (Orgs.), *O corpo no discurso psicanalítico* (pp. 35-42). Curitiba: Appris.
- Braunstein, N. (2007). *Gozo*. São Paulo: Escuta.
- Conte, A. G. A., & Maesso, M. C. (2023). O delírio e o poema na psicanálise. *Humanidades & Inovação*, 10(4), 39-54.
<https://revista.unitins.br/index.php/humanidadeseinovacao/article/view/8669>
- Didier-Weill, A. (1997). *Os três tempos da lei: O mandamento siderante, a injunção do supereu e a invocação musical*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Elia, L. (2007). A letra: De instância no inconsciente à escrita do gozo no corpo. In A. Costa & D. Rinaldi (Orgs.), *Escrita e psicanálise* (pp. 129-137). Rio de Janeiro: Companhia de Freud.
- Elia, L. (2016). Lalíngua na clínica. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, (38), 219-226.
<http://www.revistalinguas.com/edicao38/edicao38.html>
- Fernandes, A. H. (2012). Interpretação: Arte poética com alíngua. *Stylus (Rio de Janeiro)*, (24), 57-64. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1676-157X2012000100006#n*
- Freud, S. (2019). *Sigmund Freud. Obras completas, volume 4: A interpretação dos sonhos (1900)* (P. C. de Souza, Trad.). São Paulo: Companhia das Letras. (Trabalho original publicado em 1900)
- Gullar, F. (2012). Não coisa. In A. Bosi (Org.), *Ferreira Gullar: Melhores poemas* (pp. 165-

- 166). São Paulo: Global. (Trabalho original publicado em 1999)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 3: As psicoses*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1955-1956)
- Lacan, J. (1998). A direção do tratamento e os princípios do seu poder. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 591-652). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1958)
- Lacan, J. (1998). A instância da letra no inconsciente ou a razão desde Freud. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 496-533). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1957)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In V. Ribeiro (Trad.), *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (2001). *O saber do psicanalista: Seminário 1971-1972*. Recife: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2003). Joyce, o Sintoma. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 560-566). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2003). O aturdido. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 448-497). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972)
- Lacan, J. (2003). ... ou pior. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 544-549). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Lacan, J. (2003). Posfácio ao Seminário 11. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 503-507). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1973)
- Lacan, J. (2003). Televisão. In V. Ribeiro (Trad.), *Outros escritos* (pp. 508-543). Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: A angústia*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1962-1963)

- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 11: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (2008). *O seminário, livro 20: Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2009). *O seminário, livro 18: De um discurso que não fosse semblante*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1971)
- Lacan, J. (2010). *Encore (1972-1973)*. Rio de Janeiro: Escola Letra Freudiana. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (2016). *Lacan in North America*. Porto Alegre: Editora Fi. (Trabalho original publicado em 1975)
- Lacan, J. (2022). *A terceira; Teoria de la língua*. Rio de Janeiro: Zahar. (Trabalho original publicado em 1974)
- Latour, M.-J. (2024). Ler Lacan, lendo. In C. Soler (Org.), *2021: Lacan no presente* (pp. 62-77). Rio de Janeiro: Atos e Divãs.
- Milner, J.-C. (2010). Linguística e psicanálise. *Revistas Estudos Lacanianos*, 3(4), 1-9.
https://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1983-07692010000100002&script=sci_abstract
- Porge, E. (2006). *Jacques Lacan, um psicanalista: Percorso de um ensino*. Brasília: Editora UnB.
- Quinet, A. (2016). La língua e sinthoma. *Línguas e Instrumentos Linguísticos*, (38), 243-261.
<http://www.revistalinguas.com/edicao38/edicao38.html>
- Rabinovich, N. (2017). *El acto analítico y su razón poética*.
<https://norbertorabinovichblog.com/el-acto-analitico-y-su-razon-poetica/>
- Soler, C. (1997). O sujeito e o Outro I. In R. Feldstein, B. Fink, & M. Jaanus (Orgs.), *Para ler o Seminário 11 de Lacan* (pp. 52-57). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Contribuição de Autoria

Ana Giulia de Araújo Conte

Conceptualização, Metodologia, Redação – Rascunho original, Redação – Revisão e edição,

Curadoria de dados, Investigação

Márcia Cristina Maesso

Conceptualização, Metodologia, Redação – Rascunho original, Redação – Revisão e edição,

Curadoria de dados, Investigação

Este preprint foi submetido sob as seguintes condições:

- Os autores declaram que estão cientes que são os únicos responsáveis pelo conteúdo do preprint e que o depósito no SciELO Preprints não significa nenhum compromisso de parte do SciELO, exceto sua preservação e disseminação.
- Os autores declaram que os necessários Termos de Consentimento Livre e Esclarecido de participantes ou pacientes na pesquisa foram obtidos e estão descritos no manuscrito, quando aplicável.
- Os autores declaram que a elaboração do manuscrito seguiu as normas éticas de comunicação científica.
- Os autores declaram que os dados, aplicativos e outros conteúdos subjacentes ao manuscrito estão referenciados.
- O manuscrito depositado está no formato PDF.
- Os autores declaram que a pesquisa que deu origem ao manuscrito seguiu as boas práticas éticas e que as necessárias aprovações de comitês de ética de pesquisa, quando aplicável, estão descritas no manuscrito.
- Os autores declaram que uma vez que um manuscrito é postado no servidor SciELO Preprints, o mesmo só poderá ser retirado mediante pedido à Secretaria Editorial do SciELO Preprints, que afixará um aviso de retratação no seu lugar.
- Os autores concordam que o manuscrito aprovado será disponibilizado sob licença [Creative Commons CC-BY](#).
- O autor submissor declara que as contribuições de todos os autores e declaração de conflito de interesses estão incluídas de maneira explícita e em seções específicas do manuscrito.
- Os autores declaram que o manuscrito não foi depositado e/ou disponibilizado previamente em outro servidor de preprints ou publicado em um periódico.
- Caso o manuscrito esteja em processo de avaliação ou sendo preparado para publicação mas ainda não publicado por um periódico, os autores declaram que receberam autorização do periódico para realizar este depósito.
- O autor submissor declara que todos os autores do manuscrito concordam com a submissão ao SciELO Preprints.